

DINO D'SANTIAGO
CICATRIZES



Para o Lucas e a Cleo

Tem sido uma aprendizagem sublime
esta viagem sem mapa, mas com trilhos gravados na pele.
Descubro, a cada passo, que já percorri distâncias
maiores do que a memória ousa guardar.
Quando falo de caminhada, refiro-me ao desvendar
de nós e correntes que me afastaram
do simples gesto de abrir os olhos sem pesar as horas,
do ato esquecido de dormir sem amarras ao tempo.

Oh nha Mar...

Esse mestre antigo, que sussurra o saber do silêncio
e ensina os pés a afundarem-se na areia,
não como quem se perde, mas como quem se ancora.
Conversar, escutar, e quando as palavras falham,
saber que o verbo não precisa de ser domado.
Na quietude de Cabo Verde, este coração,
sempre em revolução, aprende a desacelerar,
como se as ondas da mente pudessem, enfim,
sossegar no repouso de um lago...

PREFÁCIO Vamos juntos	13
INTRODUÇÃO As linhas que me tornaram inteiro	17
Escrevo porque tenho fome	23
Filho do vento	27
E assim, ao abraçar quem fui, permito-me e, finalmente, Sou!	35
Bairro da lata... sonhos d'ouro	39
Mamã Andreza.....	43
A cura	47
«Filho és, pai serás. Assim como fizeres, assim encontrarás.»	53
Do Lucas ao rebirthing.....	57
Cleo, a ninfa da madrugada.....	63
A sombra da infância	69
Professora Carla Candeias	75
Filho das ruas.....	79
O «pretorido»	85
Deixei de brincar	89
Bebe-se um café, escreve-se um refrão	97
Desculpa, mãe	101
Nova Lisboa	105
A dona do destino	109
«Nós vemos o que somos»	115
Autorretrato	121
O artista.....	127
Os bastidores.....	139
Madame X	143
A jornada do despertar: enfrentar o passado, forjar o futuro	151

Badia.....	157
Cor de humano.....	161
«Cabral, bu mori sedu!».....	167
«Não podes brincar connosco porque tu és CASTANHO!»	169
Lucas e Josmin	173
Golo! Um grito de liberdade	185
A democracia interior	193
Mulheres de ferro e invisíveis.....	197
Nossos corpos também são pátria	201
Lágrimas de sangue	207
Novos pretos.....	213
Conversa com a madrugada e um futuro desfigurado.....	217
Quando as luzes se apagam.....	225
«Já não há nós e os outros».....	227
Contra a corrente do medo	233
O portal do retorno: a canção inacabada.....	235
Avante	241
Mundu Nôbu.....	243
Kaminhu	249
11/11.....	253
Esperança: uma travessia	259
O silêncio das máquinas e a voz da alma	265
A alma que assina sem ler.....	269
Pai	273
Caro Claudino	277
Fiquei à porta do sono	281
POSFÁCIO A travessia que me escreve	287
SOBRE O AUTOR	291

PREFÁCIO

VAMOS JUNTOS

Cicatrizes é um testemunho invulgar. Lê-lo provoca lágrimas e risos de alegria. Inicia-se como se fôssemos ler a história de um jovem bem-sucedido que lembra a vida difícil que deixou para trás, mas terminamo-lo sabendo que estivemos a ler a longa página de uma História entre povos. Mas no testemunho de Dino D’Santiago, ela nos traz até aqui aquilo que de melhor aconteceu na troca dos bens que contam: Pessoas, gente palpável, criaturas magníficas que apesar de manterem a lembrança da humilhação, se tornaram amigas e mudaram a vida dos que aqui estavam. Dino D’Santiago é isso mesmo, o orgulho de vários povos viajantes cruzados que através da sua voz levanta uma bandeira em nome do convívio amoroso da Humanidade. Fá-lo através da música e do canto, mas o seu milagre acontece por muito mais: pelo seu olhar, pela sua doação, e pela força da sua simples palavra, tantas vezes no palco, e agora num livro.

Porque *Cicatrizes* não é só a memória de vida de um homem, é o desfile de muitos seres, todos aqueles que entram na barca do afeto do Dino, e que ele transforma em pares do seu próprio

destino. São seus avós, seus pais, seus irmãos, suas mulheres amadas, seus filhos pequenos. E seus amigos que lhe trouxeram os bons encontros e o ajudaram a construir a casa da sua vida onde entra, com a simplicidade de quem aceita a madrugada depois da noite, o caminho da celebridade.

Eu diria que neste livro essa casa surge com quatro cantos bem definidos: *travessia*, *cicatrizes*, *entrega* e *celebração*. O canto da *travessia* é feito da lembrança dos seus ascendentes, da difícil viagem de passagem entre lugares e povos, que continua a agir com rudeza mesmo depois de se estar instalado num lugar. Para quem tem de atravessar o mar e mudar de terra, a travessia demora a passar, e por vezes nunca mais deixa de acontecer. O segundo canto da casa de Dino, *cicatrizes*, parece ser feito sobretudo do olhar dos outros sobre o estigma da diferença que demora a mostrar a virtude da sua diferenciação. E da mímica, que surge descrita com cores vivas não ignoradas pelos portugueses comuns. Essas cicatrizes não são só do Dino, são nossas, e por isso também a sua história interessa.

Mas no canto da *entrega* começa a reviravolta. O cantor antes de ser cantor foi alguém que se instruiu, que leu, que desenhcou, que ousou, que cantou por cantar, e permanecendo pobre por fora se enriqueceu a si mesmo por dentro. À ambição de conhecer, fazer, construir e oferecer, juntou Dino D'Santiago a aceitação da oportunidade. Surgiu a oportunidade, Dino aproveitou. Houve bons acasos, Dino soube lê-los. Passou por ele boa gente, Dino entregou-se. Ao somatório de tudo isso, muitos chamam sorte. É possível. Dino teve a sorte de lhe dizerem «Você presta». Duas palavras miraculosas. Dino sabe muito bem que há muita gente que o merecia e nunca ouviu isso. Ele ouviu, foi o bom acaso, e ele

aceitou, de onde a sua humildade. Poderia não ter acontecido, mas aconteceu. E depois o quarto canto da sua fabulosa casa: *celebração*. Ela aí está. Nós, que não cantamos, fazemos o nosso canto possível com ambas as mãos, levantamo-nos e aplaudimos.

Querido Dino, parabéns por este *Cicatrizes*. A história que é contada neste livro resume-se assim: Era uma vez um Dino D'Santiago que se sentia *pretorido*, bem mais duro do que *preterido*. Pois agora, no meio da sua casa que tem a dimensão da Terra, essas duas palavras foram substituídas por uma outra: *preferido*. Lê-se este livro e apetece dizer o que o seu autor diz no palco e na vida: Meus amigos, vamos juntos! Juntos, vamos a isto.

LÍDIA JORGE

Boliqueime, 31 de julho de 2025

**ESTE LIVRO
NÃO É
UMA LINHA
DE CHEGADA.**

INTRODUÇÃO

AS LINHAS QUE ME TORNARAM INTEIRO

Carrego no corpo o mapa de uma viagem. Um território onde cada linha gravada não é apenas o vestígio de um instante, mas a tradução silenciosa do tempo que se inscreve na carne. Chamam-lhe marcas de guerra ou provas de crescimento. Para mim, cada cicatriz é mais do que uma ferida encerrada: é o eco de um gesto, uma dança abrupta entre a vida e o destino. Há nelas uma profundidade que ultrapassa a superfície da pele, como se fossem janelas para um outro mundo — o mundo que já foi, mas que insiste em permanecer.

Recordo-me da primeira cicatriz, essa linha que se abriu numa brincadeira pueril, enquanto jogava ao berlinde com a Sónia, no Bairro dos Pescadores. Um pedaço de vidro cravado na sola de uma sandália tornou-se cúmplice do acaso, e a minha pálpebra transformou-se no palco de um susto. Fugimos todos: ela, do meu sangue; eu, da dor que não sabia nomear. Era o início de uma cartografia que inscreveria, na pele, as memórias do improvável.

Depois veio o disco de ferro, lançado com a força desmesurada de uma tarde de infância. Era apenas uma brincadeira, mas a sua precisão rasgou-me a testa e gravou, nos ossos, um lembrete: nem toda a linha que cruza o nosso caminho pode ser evitada. A testa guardou a cicatriz; a memória, o impacto.

Mais tarde, no quintal do meu primo Miguel, um pedaço de plástico derretido dançou sobre o fogo e, num impulso selvagem, foi lançado ao ar como uma seta improvisada. A sua trajetória encontrou o meu pulso, e a dor, tão quente quanto o material incandescente, espalhou-se pelo meu corpo como uma corrente elétrica. A marca permanece: uma pulseira ardente cravada pela mão do acaso.

Estas são apenas algumas das cicatrizes visíveis — as marcas que a pele negra não pode esconder, que desafiam a lógica da suavidade. A nossa pele cicatriza de forma diferente: mais densa, mais alta, como se cada ferida quisesse contar a sua história em relevo. Fibroblastos que se multiplicam, colagénio que insiste em sobrepor-se, queloides que se erguem como monumentos da resistência do corpo.

Mas o que dizer das cicatrizes invisíveis? Aquelas que habitam o âmagô, onde a memória e a emoção deixam sulcos que nenhuma ciência pode medir? Algumas talvez estejam subliminares nas linhas que ora vos apresento neste livro.

Na noite de 7 de novembro de 2024, recebi pela primeira vez, em mãos, a compilação de todos os textos escritos para este livro. Foi a Lúcia Garcia, a guardiã desta minha jornada, quem os trouxe impressos em folhas soltas, como se cada página pudesse libertar-se da outra e voar. Carregava nas mãos não apenas um livro, mas pedaços da minha alma, expostos como pele arrancada ao silêncio. A materialização de dezenas de madrugada passadas a escrever, numa luta incessante e solitária

que a noite soube guardar. E ali estava: cada folha, solta e vulnerável, tão nua como a verdade que eu deixara brotar.

Este livro nasceu nessas horas em que o silêncio pesa como um manto, cobrindo a inquietude da mente que dança entre sombras e lampejos de luz. Cada palavra é uma trincheira, uma ferida aberta que cicatriza aos poucos. Foi nesses momentos, quando o mundo dorme e a verdade desperta, que descobri um portal, um lugar onde o sol não me acusa, onde a noite me acolhe e me permite ser, por completo, o que sou.

Durante este processo, passei por terapias de autoconhecimento que abriram novos caminhos para dentro de mim. Recorri à psicoterapia e à psiquiatria, a práticas de meditação e ao *rebirthing* — uma técnica que me ensinou a respirar profundamente para libertar emoções antigas. Cada uma dessas terapias revelou camadas de mim que antes estavam ocultas, guiando-me por um caminho onde enfrentei as minhas sombras, as minhas luzes, e tudo o que jaz entre elas.

Na quietude da madrugada, somos confrontados com as curvas da alma, com as máscaras que vestimos, com os pesos que carregamos por medo de sermos transparentes. Olhar para mim com essa profundidade trouxe-me a compreensão de que ser humano é mais do que querer saber quem se é. É aceitar estar no presente, abraçar todas as contradições e reconhecer que, ao serviço de algo maior, é nesse estado de presença que a verdade começa a emergir.

Recordo-me dos mandamentos do meu pai, das palavras que me pesavam mais do que a própria alma, instruções que tentavam moldar-me numa forma que sempre me pareceu injusta, impossível. «Amarás a Deus sobre todas as coisas.» Mas onde caberia eu nesse amor? Onde ficariam os meus sonhos, as minhas falhas, o rosto que o mundo recusava ver? Esse

Deus, tão distante, que mais parecia uma ameaça do que uma presença. Foi então que encontrei uma figura que falava de amor e compaixão — Jesus Cristo. Ele não me oferecia a perfeição impossível, mas sim um amor que aceita, um amor que acolhe.

Era, para mim, um irmão na escuridão, uma voz que sussurrava que amar o próximo era um reflexo do amor que devemos a nós mesmos. Esse homem, de pele marcada pela poeira do caminho, ensinava que ser humano é ser falho, e que falhar é o princípio de toda a redenção.

Fui moldado por uma sociedade que sussurrava que a cor da minha pele era uma maldição, e carreguei o peso dessas mentiras até que, um dia, as palavras de Jesus ecoaram em mim: «Não procures Deus fora, procura dentro de ti.» E, como quem se olha ao espelho pela primeira vez, vi que o templo não era feito de pedra, mas de carne, sangue e espírito.

Este corpo, esta alma, são sagrados — não porque o mundo os abençoou, mas porque eu, enfim, os aceitei.

Caminhar sob o relevo das minhas cicatrizes é uma celebração. Cada sulco gravado na pele é uma oferenda à estrada que me trouxe até aqui. Este livro é um ponto de encontro com a certeza de que celebro a minha vida até ao presente instante com conquistas que, vistas do ponto de partida, pareciam miragens demasiado distantes para caberem no sonho de um filho da periferia. Mas cheguei.

«Hoje vim realizar o sonho dos meus ancestrais,
e deixar para trás o pesadelo que os desfaz.»

Foi assim que escrevi em «Esperança», a canção que me levou aos Grammy Latinos.

E foi em Miami — cidade onde a diáspora se entrelaça em promessas de recomeço que uma parte desta jornada se iluminou, como se o Atlântico inteiro se curvasse em bênção.

Hoje, permito-me florescer no meio daqueles que sempre me amaram, mesmo quando ainda não sabia como ser solo fértil para esse amor. Hoje, aprendo a receber — não como quem mendiga afeto, mas como quem abre o peito e diz: «sim, cheguei inteiro».

Este livro é isso: uma travessia contada em carne, em silêncio e em poesia.

É o meu gesto de gratidão a quem me fez acreditar que valia a pena resistir ao peso, aos medos, às noites em que duvidei se havia luz depois do cansaço.

Desejo que, ao percorrerem estas páginas, alguma parte de vós se reconheça. Que terminem esta viagem com um sorriso ou com uma lágrima de alegria, porque ambos são sinais de que algo vivo foi tocado. E só isso já teria valido a pena.

No dia em que escrevo este prefácio, vi os olhos marejados do meu editor Jorge Silva e o abraço silencioso da minha guardiã de caminho, Lúcia Garcia.

Entre lágrimas e riso, compreendi: quando o amor nos acolhe assim, já não caminhamos sós. A alma ganha novos pés.

Este livro não é uma linha de chegada.

É um fogo que ainda arde.

Um tambor que ainda pulsa.

Uma morada onde as cicatrizes deixaram de ser feridas, para se tornarem janelas abertas para a luz.

NU BAI!
DINO D'SANTIAGO

**VIA COMO
A LEITURA ERA
UM ATO SAGRADO;
CADA LIVRO,
UMA CHAVE PARA
UM NOVO MUNDO.**

ESCREVO PORQUE TENHO FOME

E escrevo porque preciso, como quem respira. E sem o ar da escrita não sobrevivo.

Não é escolha, é imposição, como se cada palavra fosse o oxigênio que me mantém vivo. Não escrevo para ser escritor, não busco aplauso ou reconhecimento, não desejo o olhar alheio. Escrevo porque dentro de mim há uma fome, uma urgência, uma necessidade que não me larga; a escrita é o único alimento que me sacia, e assim foi sempre, desde os tempos em que olhava para aqueles que liam com a devoção de quem segue uma religião secreta, folheavam os livros como quem toca uma revelação. Eu invejava-os, perguntava-me o que viam eles para além do que nos impunham. E foi nesse questionar que um professor, já farto das minhas perguntas, me deu um livro de Karl Marx, como quem passa um objeto proibido, perigoso. «Leva, lê», disse-me com ares de quem confessa um segredo, e eu levei, com a sensação de estar a carregar algo ilícito, algo que devia ser lido na clandestinidade, sem saber que aquelas páginas me abririam portas que nunca mais se fechariam.

A leitura de Marx foi como assistir à formação de uma tempestade no horizonte, lenta, mas inescapável. Falava de lutas, de opressores e oprimidos, de classes em guerra e de um

capitalismo que seguia, desgovernado, rumo à sua própria ruína. E eu, um miúdo com um livro na mão, agarrava-me àquelas palavras, o meu primeiro livro, tão proibido quanto as revistas que folheava às escondidas numa papelaria em Vilamoura, quando trabalhava, ainda miúdo, nos meus primeiros verões. Comecei a trabalhar cedo, com treze anos, na sombra da ilegalidade, e nunca fui de ler livros volumosos, desses que me lembravam a Bíblia pesada do meu pai. Preferia as bandas desenhadas da Marvel, os *anime* japoneses, os super-heróis que me faziam esquecer a dureza da realidade. Eram eles que me salvavam, temporariamente, da sombra constante da pobreza.

Foi o *Dragon Ball* que me prendeu. Lembro-me de faltar às aulas só para ver o Son Goku. Desenhava as personagens e vendia-as na escola, como quem contrabandeia sonhos, cinquenta escudos por desenho. Ganhava mais do que o que os meus pais me davam para o almoço. Mas veio a Panini com os seus autocolantes e destruiu o meu pequeno negócio. Eu, que já roubava bandas desenhadas nas livrarias, caçava livros como se fossem tesouros. Guardo até hoje essas relíquias, provas de um tempo em que o conhecimento se arrancava à força, com unhas e dentes. O primeiro livro sério que li, desses com o peso da Bíblia, foi *O Código Da Vinci*, de Dan Brown.

Estava em Coimbra, ao lado da Natália, a minha primeira namorada. Ela lia todas as noites antes de dormir, e na casa dos pais dela os livros estavam por todo o lado. O pai, um ex-professor de História, sublinhava as páginas importantes.

Fascinava-me aquele ritual. Via como a leitura era um ato sagrado; cada livro, uma chave para um novo mundo.

Ler trouxe-me mais do que conhecimento, trouxe-me a capacidade de escrever, não só histórias, mas também canções,

para contar o que sentia, o que guardava dentro de mim. Curiosamente, lembro-me de tudo o que escrevo, mas nunca consigo decorar as canções dos outros. Esse medo de esquecer quase me destruiu quando entrei na Operação Triunfo, em 2003 — ironia, porque nem era para estar lá. O desenho ainda era a minha paixão. Fui acompanhar a minha amiga Carla de Sousa ao *casting*, e lá estávamos, eu, ela e o Virgul, que nos levou a Portimão. Não tinha intenção de participar, mas, por capricho do destino, alguém me viu a cantar e sugeriu: «Porque não tentas?» Ri-me, nervoso, porque nunca me considerei cantor, nem sabia decorar uma música inteira. Contudo, pela insistência do Virgul e daquele impulso inexplicável, aceitei.

De repente, estava ali, numa sala vazia, com um pianista e uma professora de canto a observarem-me, à espera. Dentro de mim, as vozes gritavam para fugir, para sair dali. A professora, que depois descobri ser a Paula Oliveira, perguntou-me: «Então, o que tens para nos mostrar?» E eu, tímido, respondi: «Posso improvisar?» A Paula e o pianista, Ruben Alves, sorriram, curiosos. Comecei a cantar, sem preparação. Improvisei, e lembrei-me depois de versos dos Black Company: «Às vezes penso em ti e apetece-me voltar...» Cantei o que sabia, o que me veio à cabeça.

Quando terminei, a Paula sorriu e disse: «Vais passar à próxima fase.»

A Carla também passou, e fiquei tão feliz por ela. Algumas semanas depois, já estávamos em Lisboa, rodeados por centenas de vozes talentosas. O pânico voltou a crescer dentro de mim. Mas improvisei outra vez, cantando em várias línguas — português, inglês, francês — sem parar para pensar. Quando terminei, ouvi a Paula a sussurrar ao Ruben: «Este

puto é do caraças!» Pela primeira vez na vida, senti que tinha valor. Alguém tinha visto algo em mim que eu ainda não sabia que existia.

Passei à fase seguinte, mas a Carla não. Aquilo doeu-me tanto que pensei em desistir. Mas, pela primeira vez, ouvi uma voz dentro de mim que não estava ali para criticar, mas que me dizia: «Vai. Faz isso por vocês os dois.» E fui.

Esse momento mudou tudo. O miúdo que cresceu a roubar revistas para aprender tornou-se o artista português mais premiado da sua geração. Detentor do maior número de estatuetas nos Prémios Oficiais da Música Portuguesa, de um MTV European Music Award, de um Globo de Ouro por uma canção cantada inteiramente em crioulo cabo-verdiano. Fui nomeado GQ Man of the Year, num país de «brancos costumes», como tão bem escreveu a Joana Gorjão Henriques, e tornei-me o primeiro afrodescendente a receber a Medalha de Mérito Cultural de Portugal. Fui reconhecido pelas Nações Unidas como um dos cem afrodescendentes mais influentes do mundo.

Agora, enquanto sigo viagem para o Luxemburgo, onde me estreio na Philharmonie, com a sala cheia para ouvir as minhas canções, penso no quanto este caminho foi duro. Não foi o acaso. Não foi um sonho. Foi o resultado de persistência, de luta, de acreditar.

Não é sonho nenhum. É a vida a acontecer, agora.

FILHO DO VENTO

Sempre caminhei sem rumo definido, sempre deixei que o vento decidisse por mim. A vida, essa coisa estranha e desgovernada, foi-se passando como um filme onde eu raramente era o protagonista. Assistia de longe, como quem olha por uma janela suja, às vidas que poderiam ter sido as minhas, mas não foram. Vi tudo aquilo que desejei acontecer a outros, e para mim restou o vazio, o espaço onde nem os sonhos pousam, e foi nesse silêncio que aprendi a não esperar.

Se tivesse de vos mostrar o mapa que me trouxe até aqui, seria um papel em branco, amarrotado e esquecido sob uma cama de ferro, aquela que range quando o peso da incerteza a faz gemer. Nada ali está traçado, nenhuma rota desenhada, apenas o rasto invisível de quem caminha sem saber para onde vai. E, no entanto, aqui estou, sem resposta para a única pergunta que realmente importa: como cheguei até aqui? Não vos posso dar uma explicação lógica, porque lógica não houve. Não sou personagem de um livro de autoajuda, não venci graças a estratégias mirabolantes. Fui avançando, sobrevivendo, de instante em instante, agarrado a uma presa que me queimava por dentro, uma urgência de ir, de estar em movimento, como se ficar parado fosse o mesmo que

**CELEBRAR A VIDA
TORNOU-SE UM
LUXO INACESSÍVEL
PARA TANTOS,
E EU PERGUNTO-ME,
COMO É POSSÍVEL?**

morrer. Nunca soube para onde ia, mas sempre soube que não podia parar.

E é essa sensação, essa fome que não se sacia, que me acompanha. Não conheço a plenitude, não sei o que é estar completo. Por vezes, vislumbrei a serenidade, aquele estado raro em que se é apenas, sem precisar de ser mais. Mas logo a vida me arranca desse sossego e me atira para mais uma encruzilhada, mais um desafio que, à primeira vista, parece uma bênção, mas esconde dentro de si mais uma tormenta. Sinto-me moldado pelos lugares onde vivi, por todos os recantos onde deixei pedaços de mim, como um navio que, por muito que navegue, nunca encontra porto.

Quarenta e dois anos de vida parece muito tempo. Mas a verdade é que, quando olho para trás, parecem-me quatro dias apenas, uma sucessão de momentos que se evaporam antes de eu os poder agarrar. E então pergunto-me, com uma honestidade quase cruel: como consegui alcançar tanto? Porque a verdade é que, mesmo sem plano, mesmo sem caminho traçado, cá estou eu, com as marcas do tempo gravadas no corpo e na alma, mas com algo que, aos olhos dos outros, poderia ser chamado de sucesso. Mas será isso? Será que o milagre sou eu? Ou será que este mundo, que me viu nascer no meio da pobreza, mudou tanto que agora é mais generoso para todos?

Pois não, não há milagre. Olhem à volta, e vejam os números, os factos que se impõem como um fardo que não se pode ignorar. Um relatório das Nações Unidas diz que 1,3 mil milhões de pessoas vivem na pobreza. E eu pergunto: o que mudou?

Angola, Moçambique, todos esses lugares onde a vida é uma luta diária pela sobrevivência, onde as pessoas ainda

acordam sem saber se vão conseguir chegar ao fim do dia. Mais de metade da população vive na pobreza multidimensional, como lhe chamam agora, como se o sofrimento precisasse de novos nomes para se tornar mais suportável. E não falo só de números, falo de pessoas, de vidas inteiras sacrificadas por um sistema que continua a favorecer os poucos, enquanto os muitos continuam a lutar pelo pão. Os ricos brincam e chegam a oferecer um milhão de dólares por dia em troca de assinaturas de petições que legalizam o porte de armas, e os pobres continuam presos à miséria, na profunda ilusão de que o dinheiro é o Todo-Poderoso que curará as feridas provocadas pelos nossos problemas existenciais.

Então, se olhasse apenas para mim, se fosse egoísta e dissesse «Eu consegui», seria fácil acreditar que sou especial, que sou o «Filho do Vento», como já cantei um dia, protegido pelos anjos das orações da minha mãe e do meu pai. E sempre tive essa urgência de partir, de ir sem saber o destino. Saía de casa e não olhava para trás, não importava a hora de voltar. Inventava mundos no caminho, construía histórias que não sobreviveriam ao dia seguinte. Mas isso também não me importava. O que importava era o agora, o momento em que sentia o vento no rosto e acreditava, por um breve segundo, que tinha o controlo da minha vida. Mas logo percebia que não, que estava nu diante de uma multidão que aplaudia, não porque me admirava, mas porque esperava a minha queda. E essa é a verdade mais dura: as pessoas preferem ver-nos falhar a ver-nos vencer.

E, no entanto, continuo a caminhar. E cada dia em que desperto, cada vez que abro os olhos e percebo que ainda estou aqui, é uma pequena vitória. Celebrar a vida tornou-se um luxo inacessível para tantos, e eu pergunto-me, como é

possível? Como chegámos a este ponto, onde crianças acordam ao som de bombas, onde a dignidade humana é esmagada pela indiferença? Transformámo-nos em masmorras de carne, presas no esquecimento, porque nos fizeram acreditar que a salvação é individual.

Mas salvação, o que é isso? E porque continuo eu a procurá-la, como se fosse um tesouro perdido?

Talvez, no fundo, seja eu que precise de me salvar de mim mesmo. Sair deste casulo que me prende e aprender a voar, como a borboleta-monarca que, todos os anos, percorre milhares de quilómetros em direção ao sul, fugindo do inverno que a quer destruir. E, tal como essa borboleta, também eu carrego o veneno do mundo nas minhas asas, mas continuo a voar. Porque, no fim, talvez seja isso que nos resta: resistir, continuar a voar, mesmo quando o inverno nos tenta quebrar.

Não é coisa pequena, esta de acordar um dia e perceber que os últimos quarenta e dois anos foram como um rio a correr sem margens definidas, um rio que, sem pedir licença, me levou por caminhos desconhecidos. E aqui estou eu, deitado na cama, no meio do silêncio matinal, enquanto o mundo lá fora já se apressa. Escuto a alegria da minha filha no andar de baixo, a rir-se para a vida como quem já descobriu o segredo que eu, tantas vezes, tentei desvendar. Mas hoje sinto em mim um acordar diferente, não o dos olhos que se abrem para o dia, mas o da alma que se abre para a certeza de que o destino, aquele grande mistério que tantas vezes me escapou, pode, afinal, ser desenhado com as minhas próprias mãos.

Cheguei até aqui sem mapa, sem bússola, entregue ao vento que me empurrava para onde queria. E, no entanto, cheguei. Agora, imagino o que será do resto da minha jornada, se tomar nas minhas mãos o lápis com que traço os meus caminhos.

Não para evitar os vendavais, porque já aprendi que o vento, mesmo quando violento, faz parte do percurso, mas para saber onde repousar quando as minhas asas se cansarem, para escolher as paisagens interiores por onde quero passar, e decidir quais os lugares de mim mesmo que desejo visitar.

A vida ensinou-me que o verão, aquele calor prometido no Sul da minha existência, virá. Mas sei também que, antes de o sentir, há três estações por onde terei de passar. O outono, que me convida a deixar cair as folhas secas que já não servem. O inverno, que traz o silêncio e a solidão necessários para olhar para dentro, quando tudo à minha volta parece adormecer. E a primavera, que renova as minhas esperanças e faz brotar aquilo que um dia pensei ter perdido. Cada uma dessas estações tem lições para me dar, e agora entendo que não há pressa. O verão chegará, mas será vivido com toda a plenitude se eu souber acolher cada uma das outras estações no seu devido tempo.

E nesta jornada aprendi também que o Amor, esse sentimento que tantas vezes me pareceu incontrolável e imprevisível, é, na verdade, uma equação. Uma equação que, como todas as outras, precisa de equilíbrio para resultar. Não se trata apenas de dar sem medida ou de esperar sem razão. O Amor que enche o meu peito será tanto mais verdadeiro quanto mais eu souber devolvê-lo, não apenas àqueles que me rodeiam, mas também a mim próprio. Porque o combustível para essa viagem não é só o riso dos meus filhos ou o carinho dos que me amam, mas a minha própria capacidade de me perdoar, de me escutar, e de aprender a ser generoso comigo mesmo.

Hoje, o que tenho diante de mim não é um destino traçado pelas mãos de outros, mas uma página em branco. E eu, que

até agora voei ao sabor do vento, descubro que posso escolher a direção. Traço-a com o cuidado de quem sabe que, mesmo com planos, a vida guarda sempre surpresas. Mas traço-a também com a ousadia de quem percebeu que cada estação tem algo para ensinar, e que o verão, aquele verão que tanto espero, só será verdadeiramente meu se souber viver plenamente os outonos, os invernos e as primaveras das minhas emoções mais profundas.

**CADA CICATRIZ
QUE CARREGO FAZ
PARTE DA BELEZA
DA MINHA
RECONSTRUÇÃO.**

E ASSIM, AO ABRAÇAR QUEM FUI, PERMITO-ME E, FINALMENTE, SOU!

Ontem, numa conversa íntima, ganhei finalmente a coragem de falar sobre algo que carreguei durante tanto tempo — a importância de regressar às origens da nossa infância, como quem volta a uma casa velha e abandonada. Resgatar aquele «eu» que foi deixado para trás, como uma janela fechada, na esperança de evitar a dor que espreitava do lado de fora. Mas o que percebemos com o tempo é que essa casa nunca deixou de nos pertencer. Essa criança, esse eco do passado, ainda reside em nós.

Ela é, muitas vezes, a faísca que nos empurra para a frente, mesmo quando a nossa consciência adulta tenta convencer-nos de que devemos apagá-la.

Quando era miúdo, sentia-me como uma árvore jovem à beira de uma floresta densa, sufocado pela presença dos outros: sempre o mais frágil, o mais insignificante.

Feio, pobre, ignorante — essas palavras enraizaram-se em mim como ervas daninhas que crescem ao redor de um

tronco, limitando a minha capacidade de crescer em direção à luz. O medo de Deus, cultivado por uma educação severamente religiosa, era como um peso invisível sobre os meus ombros, fazendo com que os meus passos fossem mais curtos e os meus sonhos mais distantes. Mas hoje, enquanto adulto, depois de uma longa viagem em busca de entendimento e de liberdade, vejo que a única coisa que verdadeiramente me aprisionava era o medo de me ver como realmente sou. O nascimento do meu filho foi o sol que me fez querer crescer, erguer-me da terra e abraçar a luz. Ao olhar para ele, percebo que não posso ser o pai que ele merece sem antes me reconciliar com o miúdo que fui.

Durante muito tempo, escondi as minhas fotografias como quem enterra um passado que teme revisitar. Não suportava ver os meus lábios grandes, o meu cabelo rijo, como se o reflexo no espelho fosse um campo devastado que nunca floresceria. Mas hoje percebo que a verdadeira liberdade começa quando temos a coragem de regar essas sementes antigas e de olhar para elas com amor. Abraço o miúdo que fui como quem recolhe as peças de uma jarra partida, sabendo que cada cicatriz que carrego faz parte da beleza da minha reconstrução.

Cresci numa casa cheia, mas solitária, como uma cidade que desperta antes da alvorada, onde todos os seus habitantes enfrentam lutas que os outros não conseguem ver. Eu e os meus irmãos, três em silêncio, cada um a lutar para encontrar o seu lugar. Fomos ensinados a acreditar que éramos pecadores apenas por existirmos, como se cada batida dos nossos corações fosse uma lembrança de um erro ancestral. Esse medo foi uma corrente invisível que me impedia de correr livre, uma âncora que me mantinha preso às margens da

minha própria vida. A música tornou-se o meu mar aberto, o único lugar onde pude mergulhar sem medo de me afundar. No palco, finalmente, permiti-me respirar, confessar o que o silêncio guardara durante tantos anos.

Agora, como pai, vejo o meu filho e desejo que ele nunca tenha de carregar essas correntes. Desejo ser para ele o que o vento é para uma ave — um impulso gentil que o ajude a voar, mas nunca uma força que o empurre para longe do seu caminho.

Desejo ter a sabedoria de ser um observador atento, de aprender com os seus passos e, ao mesmo tempo, de lhe dar o espaço para tropeçar e crescer, para descobrir as suas próprias asas. Ele é o meu espelho agora, e cada vez que o vejo, aprendo mais sobre a liberdade que nunca soube que estava ao meu alcance.

Abraço, finalmente, o miúdo que fui, o terreno que antes rejeitei, e, ao fazê-lo, descubro que aquilo que tanto temi é, na verdade, a terra fértil da qual a minha liberdade brota. A vida, com todas as suas rugas e cicatrizes, é como um rio que encontra o seu caminho, não importa o quão sinuoso seja o percurso. E assim, ao abraçar quem fui, permito-me, e finalmente Sou!

«Cicatrizes não é só a memória de vida de um homem, é o desfile de muitos seres, todos aqueles que entram na barca do afeto do Dino, e que ele transforma em pares do seu próprio destino.»

Lídia Jorge, in Prefácio

Metade de um século passou sobre a independência da sua terra ancestral, altura em que o seu pai já emigrara da ilha cabo-verdiana de Santiago para Portugal. Meia centena é também o número de textos que compõem a estreia literária de Dino D'Santiago.

Esta estreia não resulta de uma produção linear, nem nasceu da intenção de se tornar livro, mas germinou de forma orgânica, num processo de escrita e de autoconhecimento que se foi alimentando mutuamente. Escrever foi pedir licença à ancestralidade, voltar às memórias do passado, olhar para o presente e esperar o futuro.

Ao ser desafiado a publicar o que escreveu, o autor acreditou que a partilha da sua experiência, das suas reflexões sobre o quotidiano, do seu sentir, e também dos seus conflitos e vulnerabilidades, revela aquilo que ele em nenhum momento deixa de ser: o homem comum que, apesar da carreira artística, não abre mão dos papéis de pai, filho, irmão e marido.

Se a pena é a língua da alma, *Cicatrizes* exprime sem precedentes a natureza íntima do seu criador.

**«A história do Dino D'Santiago não é comum.
E a alegria de celebrar o seu percurso tem de trazer
a gravidade de se ter esperado tanto tempo
para encontrar em Portugal um exemplo assim.»**

Valter Hugo Mãe



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-757-5



9 789895 897575